

O TRABALHO IMATERIAL CRIATIVO

Celso Candido

*Mas diante da excelência, suor puseram os
deuses imortais, longa e íngreme é a via até
ela, áspera de início, mas depois que atinges
o topo fácil desde então é, embora difícil
seja.*

Hesíodo

Entre as mutações contemporâneas da subjetividade, aquelas referentes ao mundo do trabalho estão entre as mais importantes. Tais mutações estão relacionadas a grandes movimentos antropológicos. De modo sintético, assinala-se uma transformação de um trabalho industrial, com sua subjetividade reificada, o homem-coisa, para um trabalho imaterial, no qual as forças subjetivas e criativas estão convocadas a atuarem no âmago do processo produtivo, tornando-se elas mesmas capitais de primeira grandeza. A economia emergente, constituída pelos elementos fundamentais da comunicação, do conhecimento e da informação, implica uma profunda articulação com as novas tecnologias digitais interativas, de modo que o trabalho contemporâneo está profundamente associado à capacidade subjetiva de inovação e apropriação de tais “ferramentas” de produção; estas mutações implicam e pressupõem a interação recorrente com as novas tecnologias de comunicação e informação, sendo o *ciberespaço* um dos principais meios de produção tecno-intelectual contemporâneo.

Maurizio Lazzarato, com o conceito de *trabalho imaterial*, pretende destacar uma verdadeira “mutação antropológica”, relacionada à força de trabalho e às relações de classe contemporâneas. Segundo o autor, o trabalho imaterial é aquele que produz o conteúdo “informativo” e “cultural” de uma determinada *commodity*, definindo-se,

portanto, a partir destes dois diferentes aspectos:

Por um lado, no que concerne “conteúdo informativo” do bem, se refere diretamente às mudanças que estão acontecendo nos processos de trabalho dos trabalhadores em grandes companhias, nos setores industriais e terciários, onde as habilidades envolvidas diretamente no trabalho são, crescentemente, habilidades que envolvem cibernética e controle de computador (e comunicação horizontal e vertical). Por outro lado, no que diz respeito à atividade que produz o “conteúdo cultural” do bem, o trabalho imaterial envolve uma série de atividades que normalmente não são reconhecidas como “trabalho” - em outras palavras, os tipos de atividades envolvidos na definição e fixação de padrões culturais e artísticos, modas, gostos, normas de consumo e, mais estrategicamente, da opinião pública.⁽¹⁾ (gm)

Esse trabalho intelectual que, até o final dos anos 70, era uma prerrogativa das classes dominantes, tornou-se, desde então, “...o domínio do que nós viemos a definir como 'intelectualidade de massa'”.⁽²⁾ As profundas transformações ocorridas “...nesses setores estratégicos modificaram radicalmente não apenas a composição, administração e regulação da mão-de-obra - a organização da produção - , mas também, e mais profundamente, o papel e a função dos intelectuais e as suas atividades dentro da sociedade”.⁽³⁾ (gm)

O conceito de trabalho imaterial permite pensar um grande e fundamental segmento da força de trabalho, definido como um tipo de atividade que é eminentemente intelectual e subjetiva. Lazzarato pretende estar falando de um novo estágio no desenvolvimento econômico. Não se trata, portanto, de uma utopia; ao contrário, é a “materialidade” do modo de produção contemporâneo. Na verdade, o trabalho imaterial tende a tornar-se hegemônico na economia contemporânea, constituindo uma força produtiva autônoma e independente do Capital. Ou seja, existe um imaginário ativo, um movimento social criativo que, na sociedade

contemporânea, apresenta-se como *predominante*, quer dizer, emerge como força produtiva (des)ordenadora, subordinando todas as condições sociais e alavancando o desenvolvimento das forças produtivas.

Em termos de Web, por exemplo, significa que aqui ela não está totalmente condicionada às determinações do modo de produção capitalista e que possui, diante deste, relativa autonomia das sinergias. Nesse sentido, não é apenas o movimento de *resistência* que está em questão aqui, mas sobretudo o de *criação*. Não foi para responder às dinâmicas do capital financeiro internacional que Tim Berners-Lee imaginou-a. Ao contrário, seu problema principal consistia em um certo modo de organizar as idéias, o conhecimento.⁽⁴⁾ E, quando confrontado com a perspectiva de organizar uma empresa própria, ou seja, “faturar” em cima de sua “invenção”, o mesmo T. Berners-Lee, retoma a idéia original que o guiou:

Minha motivação era ter certeza de que a Web se tornasse o que eu, originalmente, pretendia que ela fosse - **um meio universal para compartilhar informação**.

Eu queria ver a Web proliferar, não submergir as horas de minha vida me preocupando com o lançamento de um produto. (...) Queria estar livre para pensar realmente sobre o que era melhor para o mundo, ao invés do que seria melhor para um interesse comercial.⁽⁵⁾ (gm)

Dessa maneira, duas importantes revoluções se impõem de modo irreversível no mundo do trabalho: de um lado, a *automação industrial e administrativa*, com seu sistema de máquinas autoprodutivas que produzem máquinas, e, de outro, a emergência do *trabalho imaterial*, ligado à economia do conhecimento, da atenção, da invenção e da comunicação. No primeiro plano, como observa Adam Schaff, não se visa apenas a substituir a força de trabalho *manual* e *intelectual*. O que se procura agora é simplesmente uma eliminação total do trabalho humano. A “segunda revolução tecno-industrial” concluiria, pois, o ciclo do *Prometeu Acorrentado*.⁽⁶⁾ No segundo plano, o do trabalho imaterial, focaliza-se

a atenção nos aspectos específicos de um trabalho que envolve, no núcleo do processo produtivo, as habilidades eminentemente intelectuais dos trabalhadores, como singularmente ilustram alguns dos setores pós-industriais que mais desenvolveram suas forças produtivas na última metade do século XX: as telecomunicações, a pesquisa avançada em microbiologia e microtecnologia, a informática, o turismo, o *marketing*, a administração e gestão pública e privada, a educação, a cultura.

Essas duas revoluções - silenciosas, sem deixarem de ser conflitivas - se interdependem e interdeterminam importantes transformações ocorridas no mundo do trabalho. Uma primeira grande mutação, como se disse, concerne à *imaterialidade* da produção e do bem de consumo, ou seja, ao fato de que agora o trabalho deixa de ser algo maquinal, repetitivo, seja ele o industrial, seja o burocrático e transforma-se em uma atividade essencialmente intelectual, inventiva, subjetiva, e o bem produzido como resultado desse modo de trabalho é também ele, em grande parte, imaterial.

Uma segunda mutação é aquela relacionada às contradições entre *Capital e Trabalho*. Na fórmula clássica de Marx, o Capital constitui o conjunto de meios de produção, tais como prédios, fábricas, máquinas e que pertencem à classe burguesa. A outra classe, a trabalhadora, não possui senão sua “força de trabalho”, que normalmente é vendida a preços “aviltantes”.

Nessa descrição, a classe detentora do Capital naturalmente se impõe à classe trabalhadora, detentora da força de trabalho. Essa equação, muito justa sob o ângulo determinado da sociedade industrial moderna burguesa, parece alterar-se relativamente no contexto da sociedade pós-industrial.

O trabalho intelectual, como trabalho criativo, torna-se agora Capital, no sentido de que a criatividade, a inovação, são, efetivamente, “meios de produção” absolutamente necessários para impulsionar as forças produtivas. Esse Capital Intelectual produtivo e a atividade que lhe é correspondente que, até bem pouco tempo atrás era, “propriedade privada” das classes privilegiadas,

aristocráticas e burguesas e que impunha uma divisão do trabalho, entre aqueles que pensavam, os proprietários e os que executavam, o proletariado - divisão que, conforme Marx, também estava presente no interior da própria classe dirigente - transformou-se em uma atividade de massas, constituindo um certo "proletariado intelectual", na forma, por exemplo, de ideólogos, jornalistas, professores, cantores, artistas, analistas, programadores, comunicadores, estetas, atletas, dançarinos, advogados, políticos profissionais. Nesse sentido, Domenico De Masi observa que "Tony Blair ressaltou que a balança comercial britânica já arrecada mais com a exportação do *rock* do que com a de produtos metalúrgicos".⁽⁷⁾ Por sua vez, a *pesquisa*, em todos os níveis, tornou-se estratégica em setores fundamentais da economia e da sociedade, como por exemplo, na indústria armamentista e informática, no desvendar o enigma genético, no *marketing*, na política, na universidade, entre outros.

Assim, esse "capital intelectual" espalhou-se pela produção universal, desterritorializando-se das classes até então suas proprietárias exclusivas e, "silenciosamente", penetrou em amplos estratos econômicos e sociais, constituindo uma camada social considerável de "trabalhadores intelectuais".

Desse modo, parece que se pode (re)formular parcialmente o clássico problema da "luta de classes". Na grande divisão do trabalho entre aqueles que detêm os meios de produção e os que deles são destituídos e possuem apenas sua força de trabalho, opera-se um corte transversal no qual se considera, como "meio de produção", o capital mobiliário e financeiro e o capital intelectual e, como "força trabalho", as capacidades manuais e, sobretudo, intelectuais. Como se pode observar, emerge um campo de intersecção entre o capital intelectual como meio de produção e o intelecto como força de trabalho, em que a força de trabalho e meio de produção tornam-se uma só coisa, na forma de um *trabalho imaterial* e de um *capital intelectual*, que não pertencem mais apenas à classe até então proprietária dos meios de produção, mas fundamentalmente à classe trabalhadora.

Voltando a Lazzarato:

Minha hipótese de trabalho, então, é que o ciclo de trabalho imaterial tem, como seu ponto de partida, um poder operário social que é independente e capaz de organizar seu próprio trabalho e suas relações com entidades empresariais. A indústria não forma nem cria esta nova força de trabalho, mas simplesmente leva isso em conta e a adapta. O controle da indústria sobre essa nova força de trabalho pressupõe a organização independente e a 'atividade empresarial livre' da força de trabalho.⁽⁸⁾

Esse estado de coisas apontaria para um favorecimento da autonomia do trabalho, pois abriria "...um espaço para uma autonomia radical das sinergias produtivas do trabalho imaterial".⁽⁹⁾ Uma classe que seria, ao mesmo tempo, detentora dos meios de produção - Capital Intelectual - e da força de trabalho - intelectual. Portanto, uma classe produtiva independente.

A esse respeito, diz Lazzarato: "...Eu não acredito que esta nova força de trabalho seja meramente funcional a uma fase histórica nova do capitalismo e seus processos de acumulação e reprodução. Este poder operário é o produto de uma "revolução silenciosa" que está acontecendo nas realidades antropológicas do trabalho e na reconfiguração de seus significados".⁽¹⁰⁾ (gm)

Sob essa ótica, ainda segundo Lazzarato: "Estas considerações breves nos permitem começar a questionar o modelo de criação e difusão específica para trabalho intelectual e, além disso, o conceito de criatividade como uma expressão de 'individualidade' ou como o patrimônio das classes 'superiores'".⁽¹¹⁾

Em outras palavras, esta inventividade do trabalho imaterial é própria da criatividade social. Este capital força-invenção é eminentemente subjetivo e independente, superando o conceito de divisão do trabalho intelectual e material tradicional.⁽¹²⁾ Lazzarato propõe, assim, a consideração da emergência deste trabalho imaterial não somente no interior das relações pré-determinadas pelo Capital tradicional, mas também e mais fundamentalmente de um trabalho criativo

que é imanente ao coletivo social, próprio da atividade subjetiva dos trabalhadores.

Um novo poder operário

Ora, uma das denúncias mais radicais e contundentes do marxismo foi o da reificação. Na fábrica, homens e mulheres e crianças superexplorados, estavam submersos a uma atividade produtiva alienante. Através da divisão do trabalho, os operários, homens, mulheres são transformados em coisas, máquinas, pedaços de máquinas entre máquinas. Em suma, aqui o trabalho é essencialmente uma atividade *exterior* aos indivíduos. O trabalho não representa um fazer autoconsciente que refletiria um “jogo de linguagem” a si e uma “discursividade energética” de si.⁽¹³⁾ Mas uma discursividade destituída de singularidade existencial, de sua própria humanidade. No modo de produção capitalista, o humano torna-se instrumento: primeiro, da máquina, a qual ele deve ajudar na produção; segundo, do Capital, ao qual ele está, como força de trabalho, subordinado.

Entretanto, na noção de trabalho imaterial aqui evocada, esta equação parece modificar-se substancialmente, pois, aí, o Capital tradicional não se encontra em uma posição determinante. Ao contrário, como ressaltam Negri e Lazzarato, é a própria subjetividade do social - operários, jovens e sobretudo estudantes⁽¹⁴⁾ - que, em primeira instância, condicionou esta nova disposição do trabalho. Foi do desejo de autonomia do “operariado intelectual”, que emergiu esta nova categoria do trabalho imaterial, da subjetividade como força produtiva. Nesse caso, sem dúvida, os poderes pré-constituídos, os capitais tentam, por todos os lados, capturar esta nova modalidade produtiva, esta nova força de trabalho. Força de trabalho que, a um só tempo, concentra em si o capital produtivo. Uma vez mais Toni Negri:

Pode-se justificadamente dizer que se viveu, na segunda metade século XX, uma transição no seio da qual o trabalho emancipou-se. Emancipou-se pela sua capacidade de tornar-se intelectual, imaterial; emancipou-se da disciplina da fábrica. E é precisamente isto que determina a possibilidade de uma revolução

global, fundamental e radical da sociedade contemporânea capitalista. O capitalista é doravante um parasita: não como capitalista financeiro, nos termos marxistas clássicos, mas porque não tem mais a capacidade de dominar unilateralmente a estrutura do processo do trabalho, através da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. As novas formas de subjetividade quebraram e tornaram reversível esta separação, produzindo um meio de expressão da sua própria potência e um terreno de luta e de negociação.⁽¹⁵⁾

Desse modo, no modo de produção contemporâneo, a força de trabalho e a relação entre capital e trabalho, estando essencialmente modificadas, indicam para a constituição de um novo espaço da subjetividade socialmente produtiva. É preciso compreender, então, que a base do processo produtivo “...não é o investimento capitalista, mas o investimento do *cérebro humano socializado*. Em outras palavras: o máximo de liberdade do trabalho torna-se o fundamento absoluto da produção de riqueza”.⁽¹⁶⁾

Essas profundas mutações no mundo do trabalho, na forma da cibernização, do papel imperativo do conhecimento técnico-científico e do trabalho imaterial, no conjunto da atividade produtiva, são inseparáveis das novas tecnologias intelectuais de comunicação e informação. Como destaca Lazzarato: “O trabalho manual está, cada vez mais, envolvendo procedimentos que poderiam ser definidos como ‘intelectual’, e as novas tecnologias de comunicação requerem subjetividades que são ricas em conhecimento”.⁽¹⁷⁾ As redes de comunicação e informação digitais tornaram-se o *locus* deste grande processo de mutação. Conforme Negri e Lazzarato,

Aqui se pode medir até que ponto o ciclo do trabalho imaterial ocupa um papel estratégico na organização global da produção. As atividades de pesquisa, de concessão, de gestão das possibilidades humanas, como todas as atividades terciárias, se redefinem e se colocam em jogo no interior das redes informáticas e

telemáticas, e só estas últimas podem explicar o ciclo da produção e da organização do trabalho.⁽¹⁸⁾ (gm)

Os processos de comunicação e controle da comunicação dizem respeito a um conjunto de atividades produtivas as mais importantes; pesquisa e desenvolvimento, publicidade, tornando-se um aspecto estratégico em toda cadeia produtiva. Conforme Lazzarato, “o processo de comunicação social (e seu principal conteúdo, a **produção de subjetividade**) torna-se, aqui, diretamente produtivo porque, em um certo sentido, isso produz produção”.⁽¹⁹⁾ (gm) A comunicação é anterior não apenas ao consumo, mas à própria produção. É, pois, nessa dimensão da comunicação que atravessa o mundo do trabalho em suas mais importantes atividades que se vai definir parte essencial do novo modo de produção dominante.

Notas

- (1) LAZZARATO (1995, p. 133). No original: “On the one hand, as regards the ‘informational content’ of the commodity, it refers directly to the changes taking place in workers’ labor processes in big companies in the industrial and tertiary sectors, where the skills involved in direct labor are increasingly skills involving cybernetics and computer control (and horizontal and vertical communication). On the other hand, as regards the activity that produces the ‘cultural content’ of the commodity, immaterial labor involves a series of activities that are not normally recognized as ‘work’ - in other words, the kinds of activities involved in defining and fixing cultural and artistic standards, fashions, tastes, consumer norms, and, more strategically, public opinion.” (gm) (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (2) Idem (p.133/4). No original: “...the domain of what we have come to define as ‘mass intellectuality’”. (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (3) Idem (p. 134). No original: “...in these strategic sectors have radically modified not only the composition, management, and regulation of the workforce - the organization of production - but also, and more deeply the role and function of

intellectuals and their activities within society”. (gm) (Tradução: AZAMBUJA, C.).

- (4) BENERS-LEE (2000, p. 1).
- (5) Idem (p. 84). No original: “My motivation was to make sure that the Web became what I’d originally intended it to be - a **universal medium for sharing information**. I wanted to see the Web proliferate, not sink my life’s hours into worrying over a product release. (...) I’d be free to really think about what was best for the world, as opposed to what would be best for one commercial interest.” (gm) (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (6) Ver apêndice 2.
- (7) DE MASI (2000, p. 52)
- (8) LAZZARATO (1995, p. 139). No original: “My working hypothesis, then, is that the cycle of immaterial labor takes as its starting point a social labor power that is independent and able to organize both its own work and its relations with business entities. Industry does not form or create this new labor power, but simply takes it on board and adapts it. Industry’s control over this new labor power presupposes the independent organization and ‘free entrepreneurial activity’ of the labor power.” (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (9) Idem (p. 140). No original: “...a space for a radical autonomy of the productive synergies of immaterial labor”. (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (10) Idem. No original: “...I do not believe that this new labor power is merely functional to a new historical phase of capitalism and its processes of accumulation and reproduction. This labor power is the product of a ‘silent revolution’ taking place within the anthropological realities of work and within the reconfiguration of its meanings”. (Tradução: AZAMBUJA, C.). (gm)
- (11) Idem (p. 146). No original: “These brief considerations permit us to begin questioning the model of creation and diffusion specific to intellectual labor and to get beyond the concept of creativity as an expression of ‘individuality’ or as the patrimony of the ‘superior’ classes.” (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (12) Idem (p. 147).
- (13) GUATTARI (1989, p. 39).
- (14) LAZZARATO, NEGRI (2001, p. 32).
- (15) NEGRI << <http://perso.wanadoo.fr/marxiens/politic/revenus/saga.htm> >>, em 03.11.2002. No original: “On peut à bon droit dire qu’on a vécu, dans la seconde moitié du XXe siècle, une transition au sein de laquelle le travail

s'est émancipé. Il s'est émancipé par sa capacité à devenir intellectuel, immatériel ; il s'est émancipé de la discipline d'usine. Et c'est précisément cela qui détermine la possibilité d'une révolution globale, fondamentale et radicale de la société contemporaine capitaliste. Le capitaliste est désormais un parasite : non pas en tant que capitaliste financier, dans les termes marxistes classiques, mais parce qu'il n'a plus la capacité de maîtriser unilatéralement la structure du processus du travail, à travers la division entre travail manuel et travail intellectuel. Les nouvelles formes de subjectivité ont cassé et rendu réversible cette séparation, en produisant un moyen d'expression de leur propre puissance et un terrain de lutte et de négociation." (Tradução: AZAMBUJA, C.).

- (16) Idem. No original: "...n'est pas l'investissement capitaliste mais l'investissement du cerveau humain socialisé. En d'autres termes: le maximum de liberté du travail, devient le fondement absolu de la production de richesse". (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (17) LAZZARATO (1995, p. 134). No original: "Manual labor is increasingly coming to involve procedures that could be defined as 'intellectual', and the new communications technologies increasingly require subjectivities that are rich in knowledge". (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (18) LAZZARATO, NEGRI (2001, p. 26).
- (19) LAZZARATO (1995, p. 143). No original: "The process of social communication (and its principal content, the **production of subjectivity**) becomes here directly productive because in a certain way it 'produces' production". (Tradução: AZAMBUJA, C.). (gm)